

*Por Da redação, em 2008-01-06 às 13:47*

Foi-se o sonho de físico nuclear... ... Por outro lado, surge o magistrado, o professor, o empreendedor, o doutor em Direito José Sebastião Fagundes Cunha

José Sebastião Fagundes Cunha nasceu para ser físico nuclear. A vida – e um ‘empurrãozinho’ do próprio pai – o levaram ao curso de Direito. O sonho, infelizmente, nunca foi realizado. No entanto, outras inúmeras possibilidades se abriram ao juiz substituto em 2º grau, doutor em Direito pela UFPR e grande empreendedor. Acompanhe os principais trechos da entrevista:

*JORNAL DA MANHÃ - Como o senhor decidiu ingressar na magistratura?*

JOSÉ SEBASTIÃO FAGUNDES CUNHA - Meu sonho era ser físico nuclear. Fui para Campinas fazer cursinho e meu sonho era estudar física na Unicamp e cursar o doutorado na Alemanha. Sem nunca ter estudado alemão. O meu pai, entre aspas, me obrigou a estudar Direito. Eu tinha certeza que eu não tinha nenhuma vocação para Direito, porque eu gostava de Matemática, Física, Ciências Exatas. Acabei estudando Direito. Quando estava terminando a faculdade, casei pela primeira vez, daí nasceu a Poliana, e eu cheguei à conclusão de que eu devia cumprir uma etapa – e na época o sonho era ser promotor. Eu sabia que tendo uma família, trabalhando, era impraticável estudar tanto para passar [em um concurso] para juiz. Então, eu fiz um excelente curso, que hoje é o melhor curso preparatório da magistratura e fiz concurso para delegado, para três estados: em Minas, Mato Grosso do Sul e Paraná. Passei nos três e optei vir para o Paraná. E a primeira cidade em que fui ser delegado chama-se Imbituva. Quando estava em Imbituva, prestei concurso para professor da Universidade Estadual [de Ponta Grossa]. E o delegado geral prometeu que daria um distrito para mim em Ponta Grossa se eu passasse no concurso. Passei, vim para o segundo distrito em Ponta Grossa. [...]

*JM – Com certeza, tem várias histórias para contar, tanto como juiz como enquanto delegado...*

CUNHA – Ah, tem histórias deliciosas das comarcas. Eu ainda vou escrever um livro de crônicas só com situações divertidíssimas que você passa dentro dessas comarcas pequenas, diferentes, com outras culturas. E quando eu organizei para abrirmos o mestrado em Direito da Universidade Estadual – daí por uma questão que até hoje eu não entendi por que não foi implantado – que surgiu a idéia de abrir uma faculdade de Direito aqui e depois outras faculdades e hoje tem o Cescage, que se multiplicou em outras atividades. Nós temos uma indústria de carnes em Guarapuava, temos uma indústria de roupas agora...

*JM - O senhor lembra de alguma história?*

CUNHA – Eu tomei posse como juiz, fiquei um mês em Guarapuava e fui para Pitanga. E o Fórum era muito acanhado, muito pequeno. Nós éramos em dois juizes e trabalhávamos os dois na mesma sala. Eu vinha de uma cultura um pouco diferente e algumas palavras ali da região eu não conhecia. E entrou um senhor na sala e começou a falar com o juiz mais antigo, que era conhecido. E eu, prestando atenção. Ele falou: ‘olha doutor, eu vim aqui porque eu fiz um brique’. E eu já não sabia o que era brique. Brique é uma troca de bens. Para mim, é um escambo, essa troca de mercadoria por mercadoria. ‘E eu recebi três marronzinhos e uma égua. E eu quero desfazer a troca porque os marronzinhos são ruins de engorda’. E eu prestando atenção. Os marronzinhos são aqueles leitõezinhos crioulos, caipiras. E o juiz falou para ele: ‘mas o que o senhor deu em troca da égua e dos três leitõezinhos?’. ‘Eu dei a minha mulher, mas eu quero ela de volta’ (risos). [...] Mas teve cenas hilariantes. Aqui no Juizado, todas as salas de audiência estavam cheias, e daí um senhor, que é funcionário de uma empresa pública, estava embriagado. E eu sentado ali na sala de espera, esperando para presidir uma audiência. Os dois soldados entraram com o sujeito embriagado, que estava dirigindo um veículo, e ele vira para mim e diz: ‘olha aqui, oh, barbudo. Foi você que me denunciou’. Porque eu era a única pessoa ali. ‘Mas eu vou envorvê [sic sic] você no problema, você vai ver só. Você vai sair daqui todo envorvido [sic sic]’. Ele não sabia quem eu era. ‘Então está bem, o senhor faz o que o senhor achar melhor’. E os policiais em respeito a mim não riam. Daí, ele esperou e a audiência dele foi comigo. Imagine o desespero desse homem quando ele virava para frente e via que o juiz era a pessoa que ele queria ‘envorvê’ no problema? No dia seguinte, passou a embriaguez e ele veio com a esposa e os três filhos para mostrar que era um homem casado, de bem, que aquilo foi uma fatalidade. Acho que não precisou pena nenhuma para ele... (risos) [...]

*JM – O senhor falou que o Cescage também está com uma fábrica de roupas...*

CUNHA – É que a gente procura trabalhar o mais discretamente possível. Então nós estivemos viajando, fomos à Europa, e agora, em meados desse mês, vamos estar apresentando os produtos para um rede de lojas lá. Na verdade, a Júlia [Streski Fagundes Cunha, esposa] montou uma escola de costura a pedido do prefeito para formar cooperativas de costureiras. A Júlia importou máquinas e montou ali próximo do Fórum e elas foram formando e as máquinas estão lá. Então, passou da fase só de escola para atender [a demanda], produzir uniformes. [...] E agora, o que estamos trabalhando bastante é em um projeto de etanol a partir da batata doce. Junto com a Universidade do Tocantins, foi feito um projeto: nós aumentamos de 13 para 60 toneladas por hectare, até 200 litros de álcool por tonelada de batata, com 300 quilos de resíduo úmido com 30% de proteína. Esse resíduo é utilizado todo como ração animal. [...]

*JM – O projeto do etanol é uma das suas grandes apostas?*

CUNHA – Olha, nesses últimos 180 dias tenho, eu particularmente, trabalhado muito nisso. Eu acredito muito nisso. Nós estamos com o projeto no Tocantins. É uma área de 3 mil hectares irrigados, que vai atender 800 famílias. Na verdade, o governo federal não tem uma solução para os assentamentos. E o próprio presidente do Incra nos disse que a agenda mais positiva que ele viu é essa. No Paraná, já está muito bem encaminhado o projeto para construir a primeira usina em Jesuítas. O projeto já está no BRDE [Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul], já recebeu duas auditorias, e é uma alternativa muito interessante. [...]

*JM – Quais as diferenças do projeto com a batata doce em relação a outros projetos?*

CUNHA – A cana-de-açúcar, por tonelada, dá 85 litros de álcool. E nós garantimos 170 litros com a batata doce. E a batata doce dá duas safras por ano. A maior crítica à cana-de-açúcar é que ela construiu 450 anos de exclusão social. Onde chega o usineiro, ele compra a terra e tira o lavrador, que vem a ser bóia-fria. O nosso projeto é totalmente o contrário. A batata doce aceita terra de baixa fertilidade, então não vai tirar terra de área produtiva como a cana-de-açúcar tira, ele vai ajudar a manter o homem no campo, pelo menos por umas duas gerações, porque o nosso projeto é integrado: é uma usina de álcool, uma fecularia e uma fábrica de ração. Então, nós vamos distribuir a genética e garantir a compra dos animais para o abate. Além de você produzir o etanol, com o resíduo da batata doce, você alimenta o cabrito, o carneiro. Faz o ciclo completo. E a batata doce tem zero de poluição. Ela não tem o vinhoto que a cana-de-açúcar tem. Então, ela é 100% melhor que a cana-de-açúcar (risos).

*JM – Esse projeto é a sua ‘menina dos olhos’ hoje em dia?*

CUNHA – É, é... É que a vida, graças a Deus, me deu jogos, vamos dizer – porque viver a vida é jogar os jogos. Até parece mágica. Eu sou o décimo na lista agora para ir a desembargador titular no Tribunal. Provavelmente, até o final do ano que vem isso vai acontecer. Ano que vem será lançado um livro comemorando os 50 anos do Instituto Brasileiro de Direito Processual. Eu acabei de receber um convite para escrever um dos capítulos. O ministro Athos Gusmão Carneiro me honrou convidando para ser um dos autores. Ele é o presidente do Conselho do Instituto Brasileiro de Direito Processual. Então, ainda consigo publicar, produzi muito no Tribunal, minha estatística é alta. Digamos que a vida foi muito generosa comigo.

*JM – No começo da entrevista, o senhor tinha comentado que o seu sonho era ser físico nuclear. Depois de passado o tempo, qual o balanço que o senhor faz?*

CUNHA – Olha, é muito difícil de dizer. Eu brinco que eu sou um boêmio frustrado. Porque o primeiro concurso que eu fiz na minha vida eu queria ir trabalhar na Lapa. Eu fiz o concurso, passei bem classificado, estudei muito, e pude escolher onde eu iria trabalhar. Eu era muito jovem, tinha 18 anos. Cheguei lá e disse: ‘estou na Lapa, onde é que fica a Cinelândia e tal?’ Daí, o sujeito disse: ‘olha, caipira, você escolheu o estado errado, porque a Lapa que você quer fica no Rio de Janeiro, você fez o concurso em São Paulo’. (risos) Então, eu sou bem acostumado a ter que mudar totalmente o meu projeto de vida, já mudei muitas vezes. Então, eu digo que sou um boêmio frustrado. Tinha lá Vinícius, Toquinho, Caetano, na época, os quatro baianos estavam no Rio. E eu vou lá é tomar cerveja – aliás, eu nem bebo –, vou lá tomar cerveja e ouvi-los tocar violão, vou morar na Cinelândia, no meio da praça. E já erreí o tiro (risos). [...] Então, a vida vale você viver intensamente, não ter padrões fixos, você ter sensibilidade para sentir para onde a vida encaminha você. Eu tenho uma tia, irmã do meu pai, e eu dizia: ‘a senhora reze por mim, que eu quero muito atravessar aquela porta’. E ela sempre dizia ‘eu nunca vou rezar para você atravessar aquela porta, porque eu não sei se o que você quer é o melhor’. E a vida talvez tenha me ensinado que nem sempre o que a gente quer pode ser o melhor. [...]